

O sexo e o nome.
Notas para uma leitura das novelas de Judith Teixeira

ANA LUÍSA VILELA

Universidade de Évora /Centro de Literatura Portuguesa/

Centro de Estudos em Letras

O que quer uma mulher?

– Um psicanalista, responde Freud.¹

1.

Procurando compreender a perturbação interior que de súbito a devassava, Maria Margarida, isolada na sua quinta da Beira, “consumia longas horas numa leitura intensa, consultando febrilmente os grandes psicólogos, muito empenhada em se encontrar nos *sujets* dos seus estudos”². Explicitamente considerando o seu um caso clínico (“caso de patologia”³), a protagonista de *Satânia* – a primeira e a mais extensa das duas novelas escritas por Judith Teixeira, reunidas em obra homónima publicada em 1927 – nem por isso lhe encontrou remédio. Há um século, como ainda hoje, o “caso” de Maria Margarida era grave e talvez insolúvel pelos “psicólogos”, menos ainda pelos médicos.

Tem, com acerto, sido apontada a explícita tematização, pela novela, da irrupção do “instinto de mulher”⁴ na protagonista que sucumbe, em paroxismos de autocensura intelectual (e classista), “à necessidade genésica do macho”, que lhe promete a “alegria rubra e natural” da carne, de todo incompatível com “as exigências da sua inteligência”⁵. Uma certa apologia do corpo em *Satânia*, diversamente da outra novela da mesma obra, *Insaciada*, levou, por exemplo, Andreia Oliveira a considerar: “Se em *Satânia* se valorizam a animalidade e fisicalidade, em *Insaciada*, cujo título remete para a dimensão infinita do desejo, na realidade enaltece-se a inteligência, a dimensão estética, a elegância, o requinte e o “espírito faminto... insaciado” [...]”⁶. Em circunstanciada análise, Martim Sousa realçara já o modo como, no final de *Insaciada*, Clara de Ataíde, a protagonista, explica a uma amiga que “a inteligência, com as suas “atitudes